

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



## REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO. — CARLOS JOSE CALDEIRA.

## Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3\$600 rs. — Semestre 1\$920 rs. — Trimestre 1\$3000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 11. — SABBADO, 15 DE MARÇO DE 1836.

PROVINCIAS — FRANCO — ANNO 4\$000 — Semestrse 2\$100 Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

## SUMMARIO.

Jorge, romance contemporaneo (continuação). — Narrativas Superstições e crencas populares, (continuação). — Os homens de Sciencia contemporaneos, 1 João José Pereira. — D. Manuel José Quintana e a litteratura moderna castelhana (continuação). — A Herança do Chanceller (conclusão). — Defesa da torre Leibar. — D. Manuel Montt. — Antiguidades em Sebastopol. — Descrição das Modas. — Convento de Jesus. — Os Costas de Amesterdam (conclusão). — Chronica Semanal. — Revista Politica.

GRAVURAS: — Convento de Jesus. — Ruinas em Sebastopol. — Defesa da torre de Leibar. — Retrato de D. Manuel Montt.

zes fizeram muito bem em verem se acabavam com semelhante cousa, estamos ainda d'accordo, mas agora trata-se d'outra questão.

— Que tem relação comnosco e a escravatura?  
— Espera, homem, vae ouvindo e depois darás a tua opinião. Quando eu estava addido á legação brazileira fiz conhecimento com um celebre D. homem que é possuidor já d'uma avultada fortuna, porém cuja ambição não conhece limites. Perguntando a quem qual era o seu genero de vida, responderam que traficava na escravatura.  
— Bem, repito ainda, que pode ter isso de commum com a nossa questão?

— Tem tudo.  
— Como?  
— Ouve sequer e verás.

Jorge ficou espantado ouvindo o tom em que o seu amigo proferira as ultimas palavras. Mauricio deixou o ar de gracejo em que fallára até ali, e tomando um aspecto verdadeiramente serio, proseguiu:

— O sobredito brazileiro está aqui, e disse-me que dava tudo por achar um homem que dentro de 4 mezes lhe pozesse a salvo uma carregação de negros no Rio de Janeiro.

— Continuo a não perceber nada.

— Pois é claro como agua: eu vou ter com elle digo-lhe que achei o homem, ajustam-se as condições e está o negocio feito.

— Mas que homem é esse, se fazes favor.

— O homem és tu.

— Eu!

— Sim, que duvida ha n'isso, és habil no mar como qualquer capitão d'uma praça de commercio, eu entendo tambem o meu pouco d'aquelle ramo, tomamos o commando e se a sorte nos protege estamos com uma fortuna colossal dentro de meia duzia de mezes. Se formos infelizes, e nos pendurarem nas vergas do navio, não vexamos com isso o nome de nossas familias, porque a cousa é dita e feita, sem que haja tempo de lavar o processo. Eu ha quinze dias que penso maduramente, e feixo os olhos quando se me apresentam certas difficuldades de consciencia. Vamos o que respondes?

— Deixa-me pensar.

— Não penses, que fazes uma chapada asneira.

— Pois bem entrego-me nas tuas mãos.

— Então posso dizer ao homem que está tudo prompto?

— Podes.

— Bem, não temos mais nada a tractar. N'isto, entrou um criado annunciando que a carruagem estava á porta. Mauricio puxou pelo relógio:

— São horas, vamos um pouco até ao theatro.

## VIII

A contar d'esta noute, tinham decorrido exactamente 4 mezes até ao momento em que vimos os nossos dous personagens no Rio de Janeiro.

Jorge devia partir d'ali a dois dias. A viagem fora feita a salvo, parte dos lucros conservavam-se na mão do mercante para na segunda ientativa entrarem tambem com certo capital no negocio.

## JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

## VII

(Continuado do n.º 10).

— Tudo isto é magnifico não ha duvida, caffè de Moca, assucar das Antilhas, charutos de Havana legitimos, Hotel como qualquer lord ou principe russo; mas a respeito de bolsa creio que está atacada d'uma pneumonia, de que só um milagre ou um prodigio da sciencia a poderão salvar.

Jorge riu involuntariamente do gesto com que Mauricio pronunciou estas palavras.

— Meu caro amigo o caso é muito mais serio do que parece. Olha se tu te resignasses a viver em Lisboa com o exiguu rendimento que o teu honesto procurador não pôde alienar, então ainda via uma solução ao problema, mas é de crer que não estejas demasiadamente resolvido a isso.

— Eu? ir para Lisboa assim... antes dar um tiro na cabeça.

— Bom, é exactamente o que me acontece a mim, não quero que lá me vejam nem as pontas dos cabellos, por esse lado estamos ambos conformes, agora o que falta é vêr se combinamos no meio de vida que havemos de segutr d'aqui por diante.

— Meio de vida! perguntou Jorge admirado, que meio de vida queres tu que nós procuremos?

Mauricio agarrou das tenazes, espezitou novamente o lume, encheu outro copo de cognac, saboreou um trago, sacudiu com o dedo minimo a cinza do charuto e proseguiu:

— Ora dize uma cousa, quaes são as tuas opiniões sobre a escravatura?

— As minhas opiniões sobre a escravatura:

— Sim, espera... achas que no fundo a idéa é immoral, que os nossos amigos ingle-



Convento de Nossa Senhora do Jesus.

Mauricio era quem punha e dispunha n'estas cousas, Jorge continuava a ser o mesmo homem que até ali, isto é artista no mais elevado grau.

Sobre o convez do navio, á noute, quando as estrellas scintillavam no firmamento desassombado de nuvens e a brisa do norte agitava as ondas do oceano, apoderava-se d'elle aquelle intimo e suave estado d'alma em que uma vaga melancholia cobre d'um véu as ficções graciosas, que nos incantaram na infancia e sonhámos na juventude. Na Africa quando o morno suão da tarde agitava a folha larga e vecejante das bananeiras, o seu espirito absorto em vaga e indefinida saudade, dilatava-se suavemente pelos dominios da imaginação.

No meio da tormenta quando o clarão electrico dos relampagos, fuscava no horizonte cerrado, quando as ondas turvas, bramiam espedaçando-se na amurada do barco, e o vento em bramidos lugubres rasgava o vella-me, era fascinante a sua figura, magnetica a luz que scintillava em seus olhos, poderosa a voz, que o entusiasmo do perigo tornava mais fascinante e cheia.

A expedição nocturna dos nossos dois personagens agora facilmente se vê, tinha por fim unicamente ajustar as condições d'aquella arriscada empresa. O negocio graças á actividade de Mauricio havia-se organizado satisfactoriamente.

## IX

Chegára a vespera da partida, Jorge recolhia para casa no seu *tilbury*. Apesar de não haver lua, a noite estava encantadora, haviam caído alguns aguaceiros fortes, em continente limpára o céu com a brisa fresca, e milhões de estrellas fulguravam no céu.

Aquelle cheiro activo e acre, que depois d'uma chuva de verão, respira da terra, e que se diz ser tão pernicioso para os pulmões, mas que em compensação tão agradável é para os sentidos, recendia vivissimo do meio d'aquella esplendida natureza. Jorge respirava-o com avidez, mettendo a egoa a passo, abandonando as redes ao creado, e recostando-se no carro soltou as azas á imaginação.

Caprichosas, phantasticas, esmaltadas de todas as exquisitas cores do Iris, as scenas agradaveis da sua vida, desenrolavam-se-lhe diante da imaginação. Vagas, porém fascinantes formas de mulher se lhe desenhavam na phantasia. Pouco a pouco os traços precisavam-se mais, as cores tornavam-se mais distinctas na tella, e este e aquelle nome, o de Theresa era o ultimo, expirava nos labios.

«Pobre Theresa! o monologo principiou. Se não fosse este incrível coração que Deus me deu, havia de amar aquella mulher, como ella deve e hade ser ainda amada, todavia apenas experimentei aquella febre de desejos, e nada mais:

Os seus olhos fascinadores, os mais bellos talvez que tenho visto, não accenderam na minha alma, a branda chamma, á luz da qual tudo se engrandece e idealiza. Ella adivinhou tudo isto e nem uma queixa escapou de seus labios. Um rumor estranho, veio cortar o interessante monologo, em que se occupára a ardente imaginação do nosso Jorge.

— Que é isto, pareceu-me ouvir gritos para ali?

— É verdade senhor.

Com effeito instantes depois ouviu-se sobre o lado esquerdo da estrada a voz estrangulada d'alguem, que pretendia escapar a um perigo imminente. De um pulo Jorge saltou abaixo do *tilbury*, e n'um segundo estava no lugar preciso.

Quatro negros tinham roubado um homem, e depois de manietado, ião arremeçal-o n'um precipicio que estava proximo.

Jorge trazia o seu par de pistollas inglezas, desfechou com um d'elles, e o negro caiu redondamente no chão; depois apontou para os outros, estes acovardados, caindo de joelhos imploravam que os não matassem. O criado sentindo o tiro dirigiu immediatamente o carro para o lugar d'onde vinha o som.

Jorge fez com que os pretos desamarrassem a victima e depozerem o roubo que era uma avultada somma em moeda papel. O desconhecido tinha uma larga ferida na cabeça e tinha desmaiado. Jorge comprimiu-lhe a fronte com o seu lenço e conduziu-o no seu carro até á primeira habitação que encontrou. As pessoas da casa mandaram immediatamente os criados para conduzirem o ferido com o maior cuidado. Quando Jorge entrou na casa, apesar das feições do desconhecido estarem cobertas de sangue, aquella phisionomia não lhe era de todo estranha, este assim que poude fallar exclama:

— Senhor Jorge de Athaide, e agarrando-lhe as mãos levou-as aos labios, beijando-as com affectuoso reconhecimento. O desconhecido era Sir William D. cavalheiro Inglez com quem tivera muitas relações no primeiro mez da sua estada em Paris. Os promptos socorros que lhe subministraram as pessoas da casa, o cuidado com que Jorge lhe pensou a ferida, a certeza de se achar salvo do imminente perigo que o accommettera restabeleceram-o da commoção momentanea. Uma hora depois achava-se em estado de o poderem transportar até casa.

Sir William fóra casado com uma senhora portugueza, filha unica d'uma das principaes familias de Portugal. Esta senhora possuia grandes propriedades no Brazil, depois da sua morte succedeu-se a abolição dos vinculos alli, e Sir William a quem tinha ficado uma filha, foi até ao Rio de Janeiro para liquidar os bens que per-

tenciam a esta. A noite em que lhe succedéra a aventura que acabamos de transcrever, voltava elle d'uma chacara situada nas aproximações da cidade onde estivera ajustando contas com o proprietario. O negro que o acompanhava viu de tarde seu amo receber o dinheiro, preveniu os companheiros, e quando julgou occasião propicia arremeçou-se d'envolta com os outros para o roubar e assassinar.

Jorge como vimos acabára de o livrar da morte que parecia imminente. Sir William estava prompto a pagar o serviço que Jorge lhe prestára até á ultima gota de seu sangue. Jorge conduziu o inglez para o seu hotel, e disse-lhe que sentia não poder demorar-se ao pé d'elle, mas que infelizmente tinha de partir n'aquella mesma madrugada. Sir William abraçou-se a elle, e com a consciência propria do character dos seus compatriotas, protestou-lhe eterno reconhecimento e amizade. D'alli a uma hora um escaller puchado por quatro vigorosos remeiros, escoregava por sobre a superficie espelhada do rio. Mauricio representava o papel de sobrecarga e fumando com toda a ancia um bom charuto olhava com ar de profunda indiferença para o risonho Phebo que despontava no horizonte.

Dentro de poucas horas o brigue tocado por vento fresco demandava em pleno oceano a Africa occidental.

## X

Seis mezes tinham decorrido a contar desde este dia. O leitor benevolo tem por certo a condescendencia de subir comnosco até ao quarto particular d'um dos hotéis de Regent Street, onde tornaremos a encontrar os nossos dois personagens. Jorge e Mauricio. Era no outono. O céu achatado e cor de laranja de Londres, brilhava n'esse dia illuminado por um sol esplendido, os rubicundos habitantes das margens do Tamisa, paravam embasbacados pelas praças e ruas da capital, contemplando a pureza da atmosphera, e o azul do firmamento tão vulgar nos climas do meio dia.

— Que magnifico dia, disse Jorge, saboreando um go-lo de magnifico chá-perola e olhando atravez dos largos vidros da janella para o horizonte desassombado: parece-me hoje que voltei aos meus quinze annos, experimento todas as sensações deliciosas d'essa passageira quadra da vida; até me sinto nas disposições de amar deveras uma mulher.

— Pois parece-me que ha de ser difficil, respondeu Mauricio, recostando-se na sua cadeira de braços e encru-sando as pernas.

— Difficil porque?

— Eu t'o digo, porque tu tens todas as condições dos poetas, e os poetas não amam nunca.

— Homem é a primeira vez que oiço semelhante barbarismo, pois não temos muitos exemplos?...

— Sim lord Byron, Camões, Tasso, Petrarcha etc. etc. conheço isso porque tenho passado horas agradabilissimas a ler os seus padecimentos reunidos, todavia sempre te direi que estou persuadido que elles amam muito menos do que qualquer pobre homem ao qual Deus não concedeu o orgão particular de pôr em regrinhas de 6 ou 7 syllabas a historia correctea, e augmentada dos seus *achques* amorosos.

— Tudo isso pode ser que seja espirituoso, mas o que te juro é que não tem nada de verdadeiro.

— Será assim, eu tambem tenho a esse respeito uma theoria particular da qual não me afasto nem uma linha.

— Talvez que tenhas razão, mas se não te incommodo peço-te em todo o caso que me dispenses a exposição da tal theoria, e que vejas se me explicas o que eu não posso explicar a mim mesmo. Qual é a razão porque não tenho amado deveras até aqui?

— Eu te digo porque ainda não achaste difficuldades nas tuas conquistas, desde o momento em que se te opponham deveras estás perdido, e é nisto como em todas as outras cousas que tu te pareces com os poetas. O criado entrando no quarto veio cortar as mephistofelicas observações de Mauricio.

— Estão promptos os cavallos?

— Sim senhor, respondeu este.

— Deixemos as dissertações metaphisicas, e vamos aproveitar o dia.

— Vamos, que são horas, disse Mauricio.

Desceram, montaram a cavallo, e partiram para casa de Sir William.

Este assim que os viu entrar esqueceu todas as leis da severa etiqueta ingleza, e correu como um louco a abraçar-se a Jorge.

Minutos depois a porta da salla abriu-se, e a filha de Sir William appareceu.

Continua.

BULHÃO PATO.

### NARRATIVAS, LENDAS, SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS POPULARES.

#### A PROMESSA.

##### CONTTO PRIMEIRO.

(Continuado do N.º 10).

#### III

A este tempo a musica já se não ouvia tanto. O regimento descêra a encosta da collina para além de aldêa. A

noute havia cerrado de todo. O silencio e a escuridão envolveram tudo n'um manto de trevas callado e triste. Emilia todavia continuava a olhar para a baixa da serra, sem pestanejar, apertando a cabeça de *Arrogante* de encontro ao joelho. Ao cabo de meia hora, um ruido sahiu da clareira que serpeava até á assomada: alguem trepava pelas abas da serra. Emilia soltou um grito. Ella vira scintillar o canno de uma espingarda. Effectivamente um soldado, completamente fardado, surdiu do seio da escuridão e appareceu no cimo da clareira, juncto da bella aldeã. Ao vel-o, Emilia, impellida de alegria, correu para elle, e o rafeiro saltou-lhe ás pernas, ganindo e lambendo-o.

— Oh! meu Antonio!... es tu!

— Sou, sim, minha Emilia.

— Já não contava ver-te.

— Porque?... Não te havia eu escripto que o meu regimento passava por força pelas immediações da nossa aldeã, e que então te veria?...

— E quem sabe se pela ultima vez!...

— Porque me fallas assim, Emilia?... tão triste e mysteriosa?

— Porque te fallo?... Sabes tu por ventura se morrerás nesse terrivel combate? Não vai o teu regimento reunir-se ás tropas que cercam Badajoz?

— É verdade: e dentro em quatro dias a praça será tomada de escallada ou nós derrotados.

— E ainda me perguntas por que me vês triste?

— Pergunto, sim. Deixa lá esses pensamentos máus.

Nem todos havemos de morrer. Verdade é que ha um rifão militar que diz, que a sorte da guerra é tão vária como o coração das mulheres. Mas elle mentiu-me a respeito das mulheres, por que tu és sempre a minha querida Emilia, e tambem me hade mentir ácerca d'esse teu mofino presentimento.

— Não são presentimentos, é mais que isso.

— Mais que isso!... Tu estás louca?

— Não estou, Antonio... Sonhei...

— Sonhaste?... então que sonhaste?...

— Que era a ultima vez que nos víamos. E não foi só o meu sonho que m'o disse, disse-m'o a sorte.

— Aposto que foste ter como essa maldita e corcovada velha... com a tia Brites da *charneca*, que vive lá n'esse pardiêiro em tracto maldito com o demo?

— Fui sim: e então que tem?... Não foi ella que me predisse fã certo o teu amor, e tudo que depois me aconteceu? Não foi ella... Oh! ainda me lembra... fez agora um anno pelo san'João... quando tu me deste aquella alcachofra que tu mesmo acabavas de queimar e me apertaste tanto a mão, ella, a tia Brites, a *bruxa da charneca*, como vocês lhe chamam, estava sentada no adro do eremiterio, e de lá mesmo, atravez d'aquella reboliço de danças e descantes com que festejavamos o nosso san'João, viu tudo... olha, Antonio, viu tudo!...

— Podera não, se ella é brucha, resmungou por entre os dentes o nosso militar, mas d'esta vez preocupado e sinistro.

— E sabes o que ella me disse n'essa mesma noute?

— Não.

— Ah! ainda tenho presentes as suas palavras, aquellas palavras que me penetraram na memoria como gravadas a fogo. O sino da aldeia tinha dado uma hora: poucos rapazes e raparigas dançavam já ao clarão das fogueiras. Eu ia para descer a lombada da serra, a distancia alguns passos de minha mãe, quando a tia Brites me amhi detraz do *valado dos tres pinheiros*, me trava das mãos e me diz: — Para que recebeste aquella alcachofra, desgraçada? Até aqui era só um infeliz, agora serão dois. — Que diz, tia Brites? exclamei eu, tremula de medo, vendo chispar os olhos da velha como duas brazas; não a entendo. — Vem commigo, que eu te explico. — E sem me deixar nem se quer tornar a mim do medo que a sua presença me puzera, puxou-me para a quebrada da serra; e ahí, juncto de uma fogueira mortica que apenas lampejava palidos e incertos clarões que se lhe iam reflectir nas feições lividas e arrugadas, me disse o seguinte. — Dá cá a tua mão e olha para mim sem pestanejar. — Eu ia para gritar, mas ella pôz-me a mão sobre a boca, gellando-me os labios com um olhar tão agudo e scintillante que fóra impossivel explicar-te. — Silencio e escuta! clama a terrivel mulher, estendendo a mão direita para a fogueira, que a este aceno diabolico ergueu chammias a mais de duas varas de altura e crepitou em estallidos sinistros. — Escuta! Pertences a uma familia sobre a qual pesa uma sina que poder algum no mundo póde vencer. Todas as filhas d'essa familia morrem aos dezoito annos, e esta terrivel sina estende-se aos homens que ellas escolhem para maridos. Tu, infeliz, tens os dias contados! Não te falta muito para cumprir a tua irrevogavel sorte. De hoje a dois annos, quando voltar a noite de san'João, já tu não dançarás aqui, á luz das fogueiras, alegre e folgasa, rodeada dos mais gentis aldeãos do sitio, não! já dormirás ali, no cemiterio da aldeã, á sombra d'aquellas arvores que além negrejam! E para que acceitaste essa alcachofra, se ella é como o pacto de um amor funesto? Essa alcachofra não refflorirá, porque quer dizer morte para vós ambos. A vossa sina é negra, como o carvão em que Antonio a tornou. E és tu que o matas, porque consentes que elle se ligue a ti pelos laços do coração!... — N'isto a velha desapareceu, e eu caí sem falla. O resto sabel-o tu, que acudiste com minha mãe em demanda de mim e me encontraste desmaiada e estendida quasi sobre as cinzas da fogueira.

— Bem me lembra!... Mas para que é estar a recordar

esse triste acontecimento que não pôde ser senão um brinco infernal d'essa bruxa?... d'essa desalmada tia Brites que é maldita de nós e que esteve já a ponto de ser excommungada pelo sr. cura?

— Mas o que é verdade, é que minha tia Ursula morreu de desoito annos, e que já a irmã de sua mãe, e minha avó, havia morrido da mesma idade.

— E o morgado da granja que estava ajustado a casar com ella, tambem falleceu na noite seguinte, arrebatado de um cavallo abaixo, acudiu o soldado.

— Ah! tu não acreditas, e ajudas-me a memoria!... Oh! Antonio vejo n'isto uma fatal verdade que o meu sonho certifica mais, e que a terrivel velha da charneca hontem me repetiu de novo.

Antonio tinha encostado a espingarda a um carvalho e havia-se sentado n'um monticulo de pedras. Com os cotovellos firmados nos joelhos e o rosto escondido nas mãos, o bom do soldado lidava por destruir esta alluvião de apprehensões, que o seu espirito fino rebatia, mas que as tendencias supersticiosas do seu caracter rustico não podiam deixar de arreigar-lhe n'alma.

Emilia, com um olhar onde se pintava todo o amor e melancolia d'aquelle coração, contemplava-o de perto, adivinhando toda a lucta que se lhe revolvia no interior.

Arrogante, como identificado com esta scena muda, em que a superstição d'aquellas duas almas credulas mais agravava o affecto que as resumia n'um só pensar e existir, olhava ora para Antonio ora para sua dona, buscando na expressão do semblante dos dois motivo de alegria ou desprazer.

— Tambem estás a ruminar... Antonio!... disse por fim Emilia, chegando-se ao soldado e pondo-lhe a mão sobre o hombro.

O soldado olhou para ella fito, e depois erguendo-se tirou a barretina e passou a mão pela cabeça, como se quizesse sacudir as idéas lugubres que a seu pesar lhe tinham reboado pela imaginação.

— Não pensemos mais n'isso, disse elle por fim. Parece impossivel que tenhamos levado o tempo a repetir contos proprios de velhas ou crianças. Leve a breca essa feiticeira do diabo e os seus pronosticos ainda mais diabolicos. És sempre a mesma, minha pobre Emilia: sempre credula e timorata. Historias de duendes, aparições e aventesmas, nunca te ouvi contar outra cousa. Ainda me está lembrando quando uma noite fugiste da fonte, lá em baixo, porque tinhas visto um abejão.

— E então não era?

— Não; era um tremendo espantallo que o André moleiro tinha posto na sua vinha. O medo e a escuridão fizeram-te parecer que dous paus com um farrapo pendurado, era alguma alma do outro mundo.

— Não brinques com isso, Antonio.

— Deus me livre. Mas o que é verdade é, que eu vinha tão alegre para te ver, e que tu, com esses teus malditos contos, me pozeste aqui um peso que me opprime o peito. E agora vou dizer-te os meus planos. Eu parto já d'aqui com o regimento, e dentro em pouco estaremos diante dos muros de Badajoz. Não sei o que me acontecerá. Se for cousa má, resa cá por mim. E ainda te queria pedir outra cousa, mas... não me atrevo.

— O que é?... dize.

— Era que não cazasses...

— E ainda tu o duvidas... Eu sou tua na vida e na morte.

— E na morte! repetiu uma voz que não era a de nenhum d'elles, e cujo accento lugubre, rouco e cavo, petrificou de terror os dous amantes.

Arrogante empinou-se, e irriçando-se-lhe o pello, soltou um uivo agudo e prolongado que accordou os echos mais longiquos da montanha do Gerez.

— Que voz foi esta?... bradou o soldado, deitando mão da arma, n'um gesto instinctivo.

— Não a conheceste?... replicou Emilia com o rosto contraído e pallido de pavor.

— Não!

— Conheci-a eu!... É sempre a mesma, sinistra e atterradora, como n'aquella noite fatal.

— O quê! ..... Será ainda essa infernal velha lá da charneca? grita Antonio, com os olhos relampejando, e dispondo-se a investir com o sitio donde parecia ter partido a ameaça.

— Não sei!... Mas attende. Sinto agora mais que nunca que a minha sina se ha de cumprir. Tu vaes partir; tudo me assegura que uma grande desgraça está para nos acontecer. Oh! Antonio, tenho a presentimento de que morro esta noite!...

— Que dizes, Emilia!... estás louca?...

— Não estou. Sinto-o aqui! insiste a pobre rapariga, pondo a mão sobre o peito, que lhe arfava angustioso. Mas seja assim ou não, faço-te uma promessa.

— Qual? interroga o soldado, quasi que tremendo de saber o que se passava naquella imaginação incendiada e exaltada por todos os preconceitos da superstição popular.

— Prometto!... juro! que irei despedir-me de ti, seja onde quer que fór, ainda que para isso eu tenha de quebrar o silencio da campa!...

— Emilia! o que dizes?!

— Faço um juramento.

Neste momento a attitude da aldeã era sublime de singularidade. Parecia uma visão dessas que nos pintam em sonhos as lendas do Norte. Com os olhos inundados de la-

grimas, e o semblante allumiado da luz de uma tristeza angelica, Emilia pegava na mão do soldado e chegava-a ao coração. Este ajoelhára, como obedecendo ao impulso de um poder sobrenatural.

Nisto o som compassado e triste do sino da aldeã fez ouvir dez horas.

Antonio ergueu-se de repente.

— Já dez horas!... Que ha de ser de mim?...

— Porquê? replica Emilia, saindo da especie de extasi que a dominava.

— Porque a estas horas partiu já o regimento. Descançava apenas meia hora: são dez; já tem duas ou tres de boa marcha.

— E agora?

— Agora, o remedio é correr até lhe ganhar a dianteira que me leva. Adeus, Emilia!...

— Adeus, Antonio! Não te esqueças da minha promessa.

— Não me falles mais nisso. Essas idéas depressa se dissiparão. Na minha volta de Badajoz espero encontrar-te mais alegre e divertida.

— Antonio!... torno a repetir-te... lembra-te da minha promessa!

O soldado não teve já palavras para combater esta insistencia, que a aldeã expressava com toda a certeza de um facto que se vê realisar.

Antonio poz a arma ao hombro, abaixou a cabeça e partiu.

Emilia, encostada a um pinheiro, seguiu-o com a vista, em quanto a escuridão lh'o permittiu.

## IV

O regimento de Antonio tinha já marchado. Quando o nosso soldado chegou á planície, havia perto de tres horas que as proprias bagagens tinham partido. Ficára porém uma escolta de alguns soldados e um furriel, encarregado de conduzir as rações que se estavam preparando nas aldeãs mais proximas.

Antonio apresentou-se ao furriel, desculpou-se de não ter comparecido á partida do regimento, pretextando uma queda por um desfiladeiro abaixo, o que o tinha obrigado a demorar-se no logar além da ponte do rio Caldo, onde lhe tinham acudido.

O furriel tomou a serio esta innocente mentira e determinou ao amante de Emilia, que se aggregasse á escolta.

As rações porém não se poderam aprestar n'essa noite, e a escolta teve de pernhoitar n'uma aldeã proxima do rio Cávado, e foi só no dia seguinte, ao sol posto, quando pôde marchar.

Antonio, ao partir, ainda desejou tornar a ver Emilia. A despedida da aldeã, a sua historia tão sinistra de presentimentos e como que enluctada de uma melancolia fatidica, tinham-lhe povoado a imaginação de imagens vagas e pavorosas. Toda a noite passára em sobresaltos e com o espirito turbado de sonhos mysteriosos. Via mil aparições estranhas, de fórmãs de mulher, mas de catadura horrenda, de feições lividas, fuzilando-lhes os olhos como carbunculos, com um sorriso satânico nos labios, que o arrebatavam por desfiladeiros, que o arrastavam por estevas, que o atiravam a um brejo fetido e negro, que depois lhe dançavam em roda, fazendo-lhe esgares medonhos e soltando gargalhadas esganiçadas. Depois acordava e não via nada. No entanto, as tendencias supersticiosas do caracter aldeão não podiam deixar de dominar-lhe o animo, e por mais esforços que fizesse, a recordação do que passara com Emilia continuava a torturar-lhe a memoria.

Apesar d'isto, o soldado receioso da demora preferiu marchar sem ver outra vez a amante a ser considerado por desertor, o que, em tempo de guerra, corresponde a ser considerado quasi sem vida.

A escolta tinha caminhado apenas duas horas, quando os carros que acompanhava se encravaram nos atoleiros da estrada, o que a fez aguardar o dia para seguir caminho.

Antonio, com os seus camaradas disporam-se a ficar n'um logarejo, ainda nas abas da serra. Era uma especie de estalagem, onde corria fama que prenoitavam habitualmente contrabandistas hespanhoes.

O logar concedido á escolta foi um casarão tão velho e maltratado do tempo, que se viam luzir as estrellas pelas rachas das paredes.

A um canto, sobre um banco, estava uma lanterna mortica e que mais afeiava, pelos seus lampejos intermitentes, aquelles quatro paredões, esbroados e ennegrecidos, onde se projectavam, em sombras incertas e phantasticas, as vigas que sustinham o telhado.

Antonio, retirou-se para o extremo opposto em que se haviam deitado os seus camaradas. O pobre soldado não tinha somno. Por mais que quizesse, o juramento de Emilia não lhe fugia da lembrança. Havia um pensamento vago, indefinido de tristeza que o atormentava, dando-lhe cores lugubres a todas as idéas e aos mais estranhos objectos que o rodeavam. Mas por fim o cansaço pôde mais n'elle: o nosso soldado deixou de pensar e adormeceu.

## V

Assim correram algumas horas, quando de repente se ouviu um rumor surdo. Parece que alguém empuxá-

ra o portão com violencia, escancarando-o de par em par. Antonio acordou sobresaltado, e a sua primeira idéa foi que os contrabandistas o assaltavam. Mas a sua surpresa foi grande, quando arredando a manta em que estava envolvido, para ir tomar a arma que tinha arrimada ao muro, viu uma figura branca de mulher que se approximava, serena e imperturbavel, como um vapor cujas ondulações o vento respeitasse.

O soldado sentiu coar-lhe o terror pela medula dos ossos. Os cabellos pozeram-se-lhe a pino e bagas de suor gelado lhe caíram a quatro e quatro pela testa abaixo. As mãos largaram a arma sem poderem com ella.

— Quem vem ahí?... bradou elle por fim, custando a despegar-se-lhe a voz das guellas.

— Sou eu, Antonio... Sou Emilia!... Não me conheces já?... Prometti que viria despedir-me de ti... Venho cumprir a minha promessa.

E aquelle vulto de mulher de uma alvura que cegava, e que mais parecia uma visão a rarefazer-se nos ares, do que um corpo humano, caminhava sempre para Antonio.

— O que... és tu?... tu, Emilia?! Será possivel! Pois foi certo o teu presentimento!...

Mas as pernas faltaram e a voz prendeu-se nos labios ao soldado. O infeliz rapaz cabio de joelhos, petrificado, inerte, insensato, sem lagrimas nos olhos para desafogar a sua angustia, sem uma palavra sequer para a poder exprimir.

Neste momento, um raio da lua penetrando pelas fendas do telhado, veio beijar aquelle rosto que Antonio conheceu tão querido e tão seu!

Era o de Emilia.

Uma expressão de serenidade angelica, que realçava a través da sua pallidez de marmore, sorria, ou antes lhe inundava o semblante d'aquella luz ineffavel que só parte do seio da Bemaventurança e resplende de todo o fulgor na face dos seus escolhidos.

Emilia olhou para o soldado, e depois de o ter contemplado com uma ternura misturada de saudade, fez-lhe signal para que se erguesse e a acompanhasse.

Antonio ergueu-se, e julgando tudo que via ainda um brinco dos sentidos, ou o resultado da sua exaltação de animo, correu para aquella figura de mulher, e tentou abraçá-la. Mas os seus braços não encontraram senão o ar, e comtudo a visão permaneceu immovel e impassivel como se fosse uma estatua de marmore. Então o terror de Antonio foi indizivel. Sentiu-se gelar. Quiz fallar, mas os labios recusaram-se a toda a articulação; quiz fugir, mas os pés estavam como pregados na terra.

Eram dous fantasmas um em frente do outro.

— Vem commigo, e respeita os segredos de Deus!

Foram as ultimas palavras de Emilia, que se afastou, acenando-lhe para que a seguisse.

O soldado, mais arrastado por um poder sobrenatural do que por vontade propria, seguiu-a.

Sahiu o portal e caminhou após ella.

A noute ia adiantada. Um vento gellado, em tufades impetuosas, gemia pela quebrada da serra. Era o unico rumor que perturbava a mudez solemne dos campos.

Antonio seguiu pela subida da montanha, sempre atrás da visão. Porém, o seu caminhar era como instinctivo, automatico, sem que tivesse consciencia do que fazia. Caminhava e caminhava sempre, mas constrangido, mas arrastado por aquella attracção mysteriosa a que fóra baldoado resistir. E assim subiu o dorso da collina, trepou a clareira que serpeia por entre as fragas da serra, e chegou á ponte do rio Caldo.

Mas quando se viu n'esse sitio e conheceu que tinha de atravessar essa ponte, a taes deshoras, inellido e rodeado de tantos mysterios, aquella ponte que figurava de uma maneira tão fatidica na imaginação credula dos camponeses de todos aquelles contornos, quando chegou a este trance, Antonio venceu todo o poder estranho que o dominasse e duvidou passar.

Para mais o apavorar, a scena que se desenrolava a seus olhos tinha o que quer que era de sinistro, fantastico e solemne.

A seus pés, lá no mais fundo do abysmo, cavado nas entranhas da montanha, susurravam as aguas do rio com um ruído roco e lugubre. A lua, vellada pelos nevoeiros da serra, reflectia uma claridade baça incerta e melancolica sobre os mais elevados pincaros da cordilheira do Gerez, que envoltidos no seu manto de neve destacavam da escuridão do espaço, como um pelotão de fantasmas gigantes divagando pelo horisonte.

Antonio dominado pelo aspecto deste quadro, que a sua fantasia exaltada mais exagerava, parou. Mas a visão parou tambem; olhou para elle e sorriu.

No seu olhar havia como um pesar indefinivel, que parecia dizer ao soldado: — Tens medo, Antonio?... Tens medo da tua Emilia!...

O soldado não pôde resistir. Um novo gesto o decidiu: venceu-se o passou a ponte.

Passada a ponte, a visão dirigiu-se á aldeã.

A porta da freguezia estava aberta de par em par: dentro havia luzes. Mas nem uma voz, nem um zumbido quebrava a mudez atterradora que dizia que alli reinava o silencio gelado dos sepulcros.

No meio da igreja havia uma cova, e a um lado, via-se uma cova aberta.

O soldado recuou, olhou para traz, mas já não viu ninguém.

O phantasma tinha desaparecido. Um esforço supre-

mo o fez caminhar para o ataúde e levantar-lhe a campa.

Era Emilia, era a escolhida do seu coração que alli dormia o somno eterno. Nos seus labios, apesar de gelados pelo sopro da morte, como que brincava ainda aquelle sorriso candido e puro, repassado de intima melancolia, que nella era como o adeus prematuro aos gosos da vida!

Antonio caíu sobre os degraus da eça. Já não era uma visão o que via, era uma realidade.

Mas só permaneceu assim alguns instantes. Um movimento convulso o fez levantar de subito. Quem neste momento o olhasse de perto, dissera que dez annos de tormentos lhe haviam passado pela alma. O seu aspecto era desvirado, e fallava só como tresloucado ou possesso. De repente, correu ao caixão, abraçou com exaspero o cadaver, e deu-lhe um beijo. Depois, fugiu pela igreja fóra, galgou a serra e desapareceu.

Dahi a pouco um vulto de homem assomou sobre a ponte; chegou-se para a parte do poente, e arremeçou-se ao seio do abysmo.

## VI

Ninguém sabe ao certo quem fosse este homem. Os pastores da serra que o viram vaguear errante pelos desfiladeiros, affirmam que era o amante de Emilia. Mas o seu cadaver jámais appareceu.

A superstição popular conta, que elle jaz no fundo do precipicio, e que lá pelas horas mortas das noites estivas quando a lua allumia mais esplendida os gelos do Gerz, apparece sobre a ponte uma donzella vestida de roupas cujo alvor cega, que pranteia largo espaço em queixas doloridas, prantos a que uns gemidos saídos do seio do leito do rio, respondem ainda mais magoados e pungidos.

ANDRADE FERREIRA.

## A HERANÇA DO CHANCELLER

COMEDIA EM 3 ACTOS, EM VERSO LYRICO.

POR

J. S. MENDES LEAL JUNIOR.

(Conclusão)

Passando agora á analyse dos caracteres, o primeiro que sobresaé n'aquelle quadro, pelo vigor dos rasgos e grandeza da concepção, é o de Cosmo, o hésteiro. Este typo representa uma individualidade real e fortemente característica da epocha, e dá uma idéa historica do soldado popular que principiava e tão grande acção exercia já. Mendes Leal revestiu-o de côres vivazes que lhe dão um valór e um realce proprio. As melhores creações do espirito humano, e os mais apreciados rasgos da imaginação, são vasados n'estes moldes. Pintou assim Walter Scott e Cooper. *Waverley* e *Oeil de faucon*, pertencem a esta grande familia typica. Victor Hugo, no *D. Cesar*

de Bazan, Octave Feuillet, no *Capitaine Riubos*, seguiram o mesmo.

Os typos resumem e conglobam n'um só, todas as feições dispersas d'uma classe, d'uma paixão, d'um modo de ser. As tropas assoldadas começavam. A primeira base de um exercito nacional, que havia de vir a substituir as lanças e homens de armas da nobreza, data dahi. O soldado que não cura de si; que se dá bem com o acaso, e vive d'elle muita vez; audaz e indifferente no perigo pelo habito de affrontal-o; vagabundo por que não tem lar, descuidado por que a sua existencia é a do momento actual, salvo uma ou outra causa que o affaste da vida costumada, e que n'esse caso lhe revelle incognitas virtudes; o soldado com essa feição primitiva, que não é ainda o aventureiro que pouco a pouco se tornará commum, mas que já o presagia, eis o fundo do caracter de Cosmo. Participa um tanto do conquistador d'Africa e prelude o navegador da India. É o arrojo temerario, é a presença de espirito inalteravel, é o respeito e a liberdade entre os seus, é a confiança em si mesmo que tão grandes fez os nossos antepassados. O espirito é do soldado, o coração é do nobre. Procure-se e achar-se-hão os elementos d'este epilogo completo entre os almogavares de D. Duarte de Menezes, e os tripulantes de Antonio de Faria.

Logo depois do besteiro, o caracter mais completo e mais esmerado em traços distinctivos, é o de Pedr'anes Lobato, governador do Cível e tutor de D. Branca. Pinta com toda a similhaça o magistrado sagaz, que aprendeu a lér nas fisionomias, investigando a consciencia pelo calculo das palavras e procurando nas respostas a verdade. Iniciado na alta escola diplomatica e forense de João das Regras, seu mestre, pratica-a habilmente e emprega-a com yantagem. Na scena final do primeiro acto, desenvolve todas estas qualidades, revela todo o tacto e finura que o distingue; e é de certo uma das mais perfectas e brilhantemente sustentadas da comedia. É vencido no fim; mas os melhores generaes perdem uma batalha, e todos n'esta vida encontrão alguma vez quem lhe dê uma lição.

Provou porém durante a lucta todo o alcance da sua perspicacia e mostrou ser um ingenhoso politico, habituado a manejar com elevada intelligencia as mais difficéis emprezas. Afinal, o orgulho da toga, humilhada pela sagacidade soldadesca, não pôde deixar de ironicamente desaffogar, suffocando todavia o despeito que o aconsomme, e que a sua propria dignidade lhe manda disfarçar. «A espada venceu a penna.» diz Pedr'anes Lobato intimamente ferido a Cosmo, que lhe responde espontanea e nobremente:

Penna e espada, meu senhor,  
Quando tal rei as estima,  
Uma por outra se anima,  
E ambas tem igual valor.  
Em vez de mutua peleja,  
Dão á patria gloria honrada:  
Nem a penna inveja a espada,  
Nem a espada a penna inveja.

No segundo plano figuram os dous mancebos Lopo Soares e Fernão Vieyra, similhantes ambos pelo coração; mas diversos nas tendencias e inclinações. Fernão Vieyra, caracter jovial e estouvado, encára a vida como um passatempo, e busca tirar partido d'ella, gosando-a a seu modo, colhendo-lhe só as flores e evitando-lhe os espinhos.

Lopo Soares, organização mais impressionavel e triste sente d'outra forma, deixa dominar-se da paixão, e entrega-se todo a ella.

Em frente porém dos preceitos cavalleirosos, tornam-se iguaes e porfiam na generosidade. É o que acontece na scena do terceiro acto, quando ambos suppondo-se rivaes, formulam a provocação, e, descoberto o mysterio, estendem a mão um ao outro, ficando amigos. Fernão Vieyra prova que envolta na leviandade pôde existir uma alma delicada.

O typo da sergenta Briolanja é caracteristico de epocha, e está desenhado com bastante relevo comico. Instruida e versada na Cartilha amorosa, dá prelecções que abonam a pratica. Desquitada do marido, que é o besteiro Cosmo, de quem não conserva saudades nem chora a ausencia, quando o acaso lh'o faz de novo encontrar, em vez de lhe abrir os braços, benze-se e foge espavorida. É tambem original esta scena; onde todos esperavam um reconhecimento com os abraços do estylo, vêem uma debandade reciproca.

Reservámos para o fim a mimosa criação de Branca da Cunha, que apparece n'aquelle quadro quasi como uma fantastica visão, que revôa da imaginação do poeta e vem pousar-se na tella, animada do fogo sagrado do seu genio. A fisionomia da donzella resplandece de luz celeste; emanação de Deus, mal toca a terra.

O ascetismo em que eram educadas, n'aquelle epocha, as filhas das classes mais elevadas, dava de certo um perfume mystico e poetico, mas casto e nobre as suas aspirações e habitos. Um caracter d'estes, exaltado pela phantasia, torna-se por força quasi-ideal. No sonho que descreve ao moço Lopo, transluz a alma da donzella; retrata-se ali completa. É dos trechos lyricos mais suavemente inspirados e delicadamente escriptos de que temos conhecimento. Ouvi:

LOPO.

Sonhos de Virgem! — Contae-os.

D. BRANCA.

Era á hora de matinas:  
Por entre as minhas cortinas:  
Entravam da lua os raios,  
Não sei se dormia, ou não,  
Sei que me achei transportada  
Á solitaria morada  
Do repouso e da oração,  
Estava no Cemiterio,  
Sobre a relva humedecida:  
No topo a cruz carcomida  
E em roda tudo mysterio.  
Ao bater da meia noute,



Antiguidades achadas perto de Sebastopol.

Rebenta um fresco rosal;  
Que ninguém acha outra igual  
Por mais que a buscar se afoite.  
Crescer agora o vereis,  
Mais e mais da terra santa:  
Rosal que mão d'homem planta  
Não brota assim nos vergeis.  
E eil-o justo a florear  
De meu pae na sepultura...  
Rosas de tal formosura  
Não n'as póde a terra dar,  
Luziam como as scentelhas  
Que no Céu discorrem francas...  
E eram sete rosas brancas  
E sete rosas vermelhas.  
Se invisível braço ousado  
Qualquer das rosas colhia,  
Logo o sangue lhe escorria  
Pelo tronquinho cortado.

LOPO.

Não temo o sonho, em verdade  
As rosas fallam de amores.

D. BRANCA.

Mas rosas de duas côres  
Diziam... inimizade,  
E o sangue, que derramavrm  
Emblema das diviões  
Das extinctas gerações,  
Que ali dentro repousavam. —  
Do perto soltando um ai  
Nos degraus da Cruz prostrada,  
Longamente ajoelhada,  
Orei a Deus... por meu pae.  
Orei, orei com fervor,  
E olhei á luz das estrellas. —  
As rosas ainda mais bellas  
Eram todas d'uma côr!  
E o rosal a vigiar  
Anjo de meigo semblante;  
Peito e braços de diamante  
Alvo brial de cegar.

Mendes Leal, escrevendo esta pagina estava verdadeira e profundamente inspirado. Esses sons maviosos e cadentes que vibrou na lyra, subiram-lhe da alma, como um cantico divino, desprendendo melodias repassadas d'um culto e d'uma unção intimamente religiosa. Ha uma grande elevação na simplicidade d'aquelles versos, que era o distinctivo caracteristico de Almeida-Garrett, e que Mendes Leal conseguiu igualar.

A *Herança do Chancellor*, reúne em si bellezas que difficilmente se podem enumerar. A nossa apreciação não passa d'um exame rapido da Comedia. O juizo d'ella cabe a outros mais competentes. Buscámos somente dar uma idéa da obra, pela impressão que nos causou. Remataremos portanto expondo um parecer, no qual julgamos que todos ham de concordar. O *Frei Luiz de Sousa*, e a *Herança do Chancellor*, são dous modelos de litteratura dramatica, como não ha melhores lá fóra, e hamde honrar no futuro o seculo em que appareceram, engrandecendo os nomes dos seus authores.

ERNESTO BIESTER.

DEFESA DA TORRE DE LEYBAR PELO SARGENTO BRUNIER.

O bello feito d'armas, que a nossa estampa representa, é um dos rasgos militares mais heroicos, de que podem ufanar-se as armas francezas, tantas vezes coroadas pela victoria.

Em 21 de Abril de 1855 o sargento Brunier, de infantaria naval, não contando mais de treze soldados consigo, defendeu a torre de Leybar contra um assalto impetuoso do rei dos Trarzas, Mohammed-el-Habib.

Os inimigos, em força de 1:200 homens, accommetteram com valentia desesperada a fortaleza, que lhes embaraçava o passo para entrarem na ilha de Sor.

A peleja durou desde o romper da aurora até ao meio dia, e encontrando resistencia tenaz aonde só esperavam achar uma presa facil, os barbaros, delirantes e raivosos, tornaram-se amoucos, e empenharam a vida, sem cuidado, na porfia.

Uns, cegos de ira procuravam demolir os muros á ponta de punhal; outros, soltando a carreira aos seus cavallos, mettiam os canos das espingardas pela aberta das ameias, e caíam atravessados pelas bayonetas, que os repelliam!

Brunier, e os seus camaradas combateram sempre inalteraveis. Dispondo de poucas munições, tratavam de aproveitar os tiros, e as suas pontarias saíram tão certas, que afinal o terror desalentou as hordas, que o ameaçavam.

Desenganados, de que a morte seria o unico resultado da sua empresa, os Trarzas fugiram á redea larga, deixando no campo trinta dos seus entre mortos e feridos, e quantidade de armas. Assim terminou este combate, que é mais uma prova do que podem a disciplina e o valor sereno.

L. A. REBELLO DA SILVA.

D. MANUEL MONTT, PRESIDENTE DO CHILI.

Desde 1818, em que proclamou a sua independencia, firmando-a pela victoria de Maypo, o Chili, seguindo a sorte de outras republicas da America Meridional, ainda não descansou das commoções interiores, que o perturbam.

Em 1825 o general Freire, derrubados por uma revolução O'Higgins, lord Cochrane, e Saint Martin, outorgou uma constituição, e assegurou a sua tranquillidade pela conquista de Chiloé.

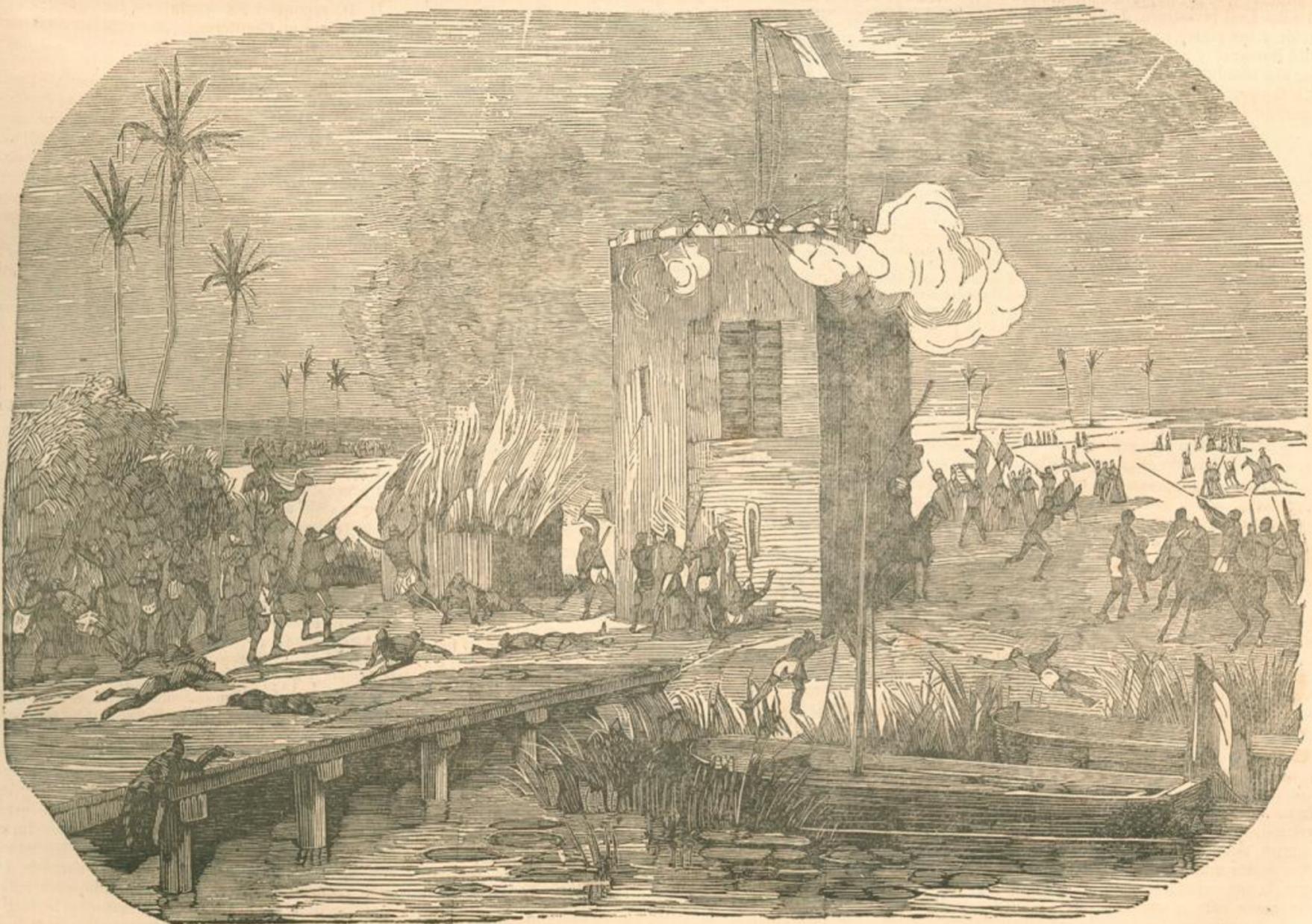
Hoje, as cousas prometem mais estabilidade. Tomando as redeas do governo, o presidente D. Manuel Montt, cujo retrato figura a nossa gravura, annuncia pelos actos precedentes uma administração firme e esclarecida.

Haverá pouco mais ou menos 45 annos, que Montt nasceu de paes humildes, na villa de Petorca, no Chili; até agora os seus progressos e influencia teem sido constantes, e devidos ao vigor e energia das suas faculdades, á agudeza do talento, e ao conceito merecido, que inspira o seu caracter.

Subindo aos logares mais elevados honrou-os sempre; e no emprego de ministro do reino exerceu as suas funcções com tanta utilidade publica, que grangeou as sympathias, a que deveu a posição eminente, que actualmentemente occupa.

É de crer que não desmereça, e que o seu governo abra uma epocha nova e abençoada.

L. A. REBELLO DA SILVA.



Defeza da torre de Leybar pelo sargento Brunier.

ANTIGUIDADES ACHADAS PERTO  
DE SEBASTOPOL.

A nossa gravura, que de certo não desagradará aos estudiosos de archeologias, mostra o interior da igreja de S. Vladimiro, no cemiterio russo, sobre a extrema esquerda do exercito francez.

O edificio de forma circular, apresenta as paredes ornadas de paineis religiosos. Os objectos representados na estampa, foram descubertos pelo coronel Monroe do regimento 39 em umas antigas e arruinadas construcções, no acampamento adiante de Sebastopol.

Deixando de parte a longa dissertação, de que veio acompanhado o desenho, notaremos só, que os preciosos fragmentos da arte antiga, constão de uma lampada, de varias medalhas, da parte inferior de um vaso, e de algumas peças de louça com figuras e specimens da ornamentação classica. O coronel Monroe inclina-se a supôr, que todas estas cousas pertenceram a um templo grego.

L. A. REBELLO DA SILVA.

## MODAS.

Descripção da estampa dos figurinos da *ILLUSTRAÇÃO*, publicada a paginas 77 do numero 10.

Vestido branco de *moiré antique*, saia sem folhos coberta com uma tunica de ponto inglez. Corpo decotado à *bretelles*, mangas curtas à *bouillon*, fechadas com punhos, donde sae um folho de renda *ruché*. Enfeite de cabeça, *cache peigne*, com pontas caindo sobre os hombros e formando um *bandeau* em cima do cabello.

Vestido de crepe branco com sete *bouillons* de crepe preto ornado com um pequeno *choux en violettes de Parme*, com a meia-saia levantada de ambos os lados por dois ramos. A borda da meia-saia é guarnecida com tres ordens de franja branca de seda encrespada. *Corsage décolleté*, com uma *berthe* descaindo sobre o bico. A frente do corpo é formada por um quadrado de veludo branco *épinglé*. Mangas curtas com fofos guarnecidos de franja: mais estreita do que a da meia-saia. Enfeite de cabeça: duas pennas de abestruz, encrespadas, postas atrás dos *bandeaux* circundando o pente.

Vestido de tulle, com tres folhos; o corpo em *draperie*. Enfeite para a cabeça de *liserons bleus*, formando uma especie de diadema sobre os *bandeaux*.

Vestido de veludo preto, com uma *draperie à berthe*, guarnecido com franja estreita, de seda preta. Enfeite de cabeça, de fitas *Algerians* entrelaçadas com fios de ouro e prata.

O vestuario dos cavalheiros ainda é o mesmo; colete e gravata branca, calças pretas, casaca com mangas largas, tambem preta.

## OS HOMENS DE SCIENCIA CONTEMPORANEOS.

## I

JOÃO JOSÉ PEREIRA.

Cumprindo uma obrigação, que nos foi incumbida pelo digno conselho d'esta escola, é nosso intento tributar uma homenagem solenne á memoria do grande cirurgião, do famoso operador cujo nome e todos os dias repetido com admiração e respeito na escola, no hospital, por todos os seus collegas e por todas as classes da sociedade—o Sr. João José Pereira.

Arantes—Oração inaugural recitada na Escola de Lisboa.

Vamos encetar o estudo dos homens de sciencia contemporaneos. Bem conhecidos hoje, o nosso trabalho seria inutil, se deixassem obras, que fallassem de si á posteridade; mas, desgraçadamente não é assim, contentes com o presente, pouco ambiciosos, em geral, não tractam de prolongar o seu nome além do tumulo, e quando a morte nos arrebatava um d'elles, nada, senão a lembrança de seus amigos, recorda, que um homem notavel deixou de existir.

Todavia não carecem de talento para escrever; os breves trabalhos, que de vez em quando publicam, bem o provam; mas, talvez pouco orgulhosos, recebem a sciencia extranha, limitam-se a comprehendel-a, a amplial-a consigo, ou a explical-a a seus discipulos, não ouzam levar além o trabalho, e sobrando-lhes a robustez para caminhar, param no meio da estrada sem que a belleza do caminho os anime a proseguir.

Talvez a pouca extensão do nosso mercado litterario concorra tambem para isto em grande parte; forçoso é confessal-o, o homem de estudo não é rico, e publicar um livro de sciencia, com pouca extracção, porque os leitores não são muitos, exige empate de capitães de que nem sempre podem dispor.

Sejam quaes forem as causas, o facto existe, e deixa que da sua existencia, se tirem illações injustas e pouco favoraveis para os que cultivam a sciencia; assim se ninguém houver, que os recorde, que lhes alargue o estreito circulo a que se tem limitado, hão de passar quasi desaperecebidos, sem que os seus compatriotas os conheçam,

sem que os extranhos desconfiem sequer, que esta nossa terra, é outra cousa mais do que o *paiz de barbaros*, que Byron lhes apontou.

Não temos a louca pretensão de supôr, que este trabalho faça vingar os nossos desejos; se o encetamos, se nos atrevemos a escrever, desconhecidos e pequenos, sobre tão grandes vultos, é porque era mister, que alguém o fizesse n'este assumpto, que alguém começasse, embora servisse unicamente de incentivo a outros de maiores posses. Assim não é por orgulho, nem porque tenhamos demasiada confiança em nós, mas porque estamos convencidos, de que esta critica pode ser util, e as consequencias, que d'aqui se tirem, favoraveis. Seja dito ao principio para nos não suporem atrevimentos, que nunca tivemos.

Procuraremos ser justos: os homens de quem vamos fallar são bastantemente superiores ao vulgo, para levarem a mal, que lhes apontem os defeitos; os que não se acham n'estas circunstancias não teem aqui direito de entrada, não so porque envergonhariam os seus companheiros, mas tambem porque viriam confundir esta galeria de retratos com uma colleção de caricaturas.

Damos o primeiro lugar á cirurgia, e não se supponha, que procedendo assim desejamos levantar essa interminavel questão de preferencia para qualquer dos ramos scientificos. Todos iguaes, todos aperfeicoando a intelligencia e sendo todos prestaveis á humanidade, querer dar o primeiro lugar a qualquer d'elles, nunca pode ser outra coisa senão amor proprio mal cabido, ou desejos de encarecer o ramo, que se cultiva; afastamo-nos d'esta regra e como seria mister começar por algum d'elles, é por isso que nos inclinamos naturalmente, ao que mais conhecemos, e ao que nos destinamos, como é proprio aproveitar as alfaías de caza, antes de ir importunar os vesinhos.

João José Pereira, o primeiro, que vamos estudar já não existe; a sua collocação nesta galeria seria pois injusta se a sua morte tão recente, a sua recordação ainda não apagada da memoria de seus amigos, os doentes seus, que lhe deveram a vida, e que ainda percorrem as ruas de Lisboa, e o eco das suas palavras, que ainda não esmoreceu de todo na escola, onde professou, lhe não fizessem juz, a um lugar entre os da actualidade.

Todos supõe ainda ouvil-o fallar, todos recordam as suas feições, todos commemoram as suas palavras, e se as saudades não duplicassem o tempo, parecera, que ainda hontem, e não ha oito annos, é que tinha deixado de existir.

Como era de dever recorremos aos documentos mais authenticos para basear este nosso trabalho; entre muitos encontrámos um, de todos o mais consciencioso, e ainda o mais legal, que de muito nos serviu, para a execução dos nossos projectos.

Delle tiramos a *épigraphe*, que vae na frente deste artigo, delle extrahimos muitos dos dados, que nos eram necessarios, e para ahí remettemos aquelles que desejarem, apar de uma linguagem elegante, ver as mais transcendententes considerações philosophicas, ligadas á mais rigorosa verdade.

Pouco mais fazemos do que um extracto apropriado aos conhecimentos da generalidade dos leitores, para pouco mais estariamos habilitados, e nem outra cousa seria mister, existindo a bem pensada oração inaugural, que na abertura dos cursos da escola medico-cirurgica de Lisboa, em 1853 recitou o actual professor de Pathologia externa o Ill.<sup>mo</sup> Sr. José Antonio Arantes Pedroso.

João José Pereira nasceu em Leiria a 13 de abril de 1793. Seu pae era um pobre artista, sua mãe uma modesta senhora mais rica de virtudes do que de cabedades; e ainda que fraco podia ser o auxilio de seus parentes esse mesmo lhe faltou; porque, orfão aos 17 annos, o futuro cirurgião, encontrou-se desprovido de recursos com um futuro de miseria e de abandono, tendo a seu lado duas irmãs mais novas ainda, que só delle esperavam protecção, porque ninguém mais lhe restava a que podessem recorrer.

É na realidade grandioso, ver esta peregrinação amargurada pelas provações, torturada pela indigencia, que conduz quasi sempre os grandes talentos ás portas da celebridade. É animador para os que, como João José Pereira, nada mais têm senão o poder da vontade para salvar as escabrosidades da sciencia, é animador ver, que o genio, rasga todas as difficuldades, abre caminho atravez das mais fortes barreiras, e chega sempre ao ponto que desejara, mais engrandecido pelo soffrer, mais nobilitado pelos trabalhos.

Os andrajos da indigencia têm cuberto quasi todos os grandes homens, e a cirurgia pode tambem apresentar neste pantheon, os seus martyres illustres, que não desdirão de seus companheiros, nem pelas provas adversas, que os perseguiram, nem pela celebridade do nome, que tão afanosamente conquistaram. Ambrosio Paré, Dupuytren, Petit, Desault, Corvisart, Vauquelin, Chaussier, Pereira, e José Lourenço da Luz, para não citar outros, são vultos, que todos conhecem, que não citaram relevantes serviços á humanidade, e que talvez bastantes vezes fossem distraídos de suas cogitações scientificas, pela recordação amarga da pobreza em que viviam.

Tambem assim João José Pereira devia receber o baptismo da indigencia; e o futuro operador, considerava-se feliz, quando em 1810 um mesquinho lugar de ajudante de enfermeiro lhe garantia alguns, mas bem escasos meios de subsistencia. Nesta occupação tão mal re-

tribuida e tão rude, passou os melhores annos da mocidade, devendo talvez ao habito de trabalhar, que contrahiu neste mister, a tenacidade de proposito e o amor ao estudo, que mais tarde tanto o distinguiu.

Foi em 1813 que o pobre ajudante de enfermeiro aspirou a melhor posição, e pretendeu estudar a cirurgia. O estado quasi cahotico da Escola de Lisboa então não era dos mais tentadores para o homem que desejasse estudar deveras, mas a escolha era impossivel, e foi obrigado a restringir-se á que pela localidade e relações lhe deixava reunir a frequencia escolastica com o desempenho da profissão de que vivia.

O curso da Escola então era de quatro annos, o ensino irregular e deficiente; mas as provas finaes rigorosas, as habilitações difficeis de obter. Á custa de noites perdidas, de um trabalho immenso, o nosso estudante conseguiu triumphar, e nos exames finaes poderam os professores admirados, ver os primeiros arrojos do grande homem, revelados nos discursos do mancebo.

Habilitado como cirurgião, foi pouco tempo depois nomeado porteiro das aulas: era uma fortuna já para o ex-ajudante das enfermarias, e demais proporcionava-lhe occasião, de se entregar mais facilmente á carreira, que alcançara, e com que repugnava o seu mister anterior.

Foi o primeiro passo feliz: o seu novo lugar obrigava-o a fazer as preparações anatomicas e insensivelmente lhe collocava debaixo dos olhos inumeros cadaveres, onde podia examinar as variedades e alterações, que os orgãos costumam apresentar nos diversos individuos.

Não deixou perder este ensejo, entregou-se ao estudo da anatomia, tão celebre então pelos trabalhos de Bichat e dentro em pouco conseguiu ser um dos primeiros n'aquelle ramo.

Referindo-se a este periodo da vida do nosso cirurgião, o discurso do professor Arantes diz o seguinte: «O sr. Pereira foi um dos anatomicos mais distinctos da sua escola. A consciencia do seu proprio merito o animou a inaugurar o ensino da anatomia em seu nome; e até 1824 ia todos os dias com aquella actividade, com aquelle vigor de espirito que dá o fogo da mocidade e o perfeito conhecimento das couzas, explicar, demonstrar os orgãos do corpo humano aos alumnos da escola, n'uma caza escura, pequena, sem ventilação, repugnante; revelando nessas lições, que eram retribuidas pelos estudantes, os seus conhecimentos profundos, o seu grande talento, toda a independencia, toda a franqueza toda a originalidade do seu caracter, e principalmente a sua pericia na arte de dissecar. O ramo arterial mais delicado, o filete nervoso mais profundamente occulto no seio dos orgãos, seu escalpello o descobria todo de um golpe, ou antes desenhava. Era uma celeridade, uma segurança de mão verdadeiramente maravilhosa.»

O testemunho d'este escriptor é insuspeito: é um dos nossos primeiros anatomicos, que reconhece nobremente o talento do seu predecessor na sciencia e na cadeira, e do seu antigo professor e modelo.

Em 4 de agosto de 1826 uma nomeação regia elevou João José Pereira ao magisterio, as provas, que eram então dispensadas, não seriam um obstaculo que não vencesse, mas esta honra, adquirida por um trabalho assiduo, por uma applicação exemplar foi talvez mais brilhante do que o mais brilhante concurso, que podessa fazer. Neste periodo começa uma nova phase da sua vida, d'ella será tambem que nos occuparemos proximoamente.

Continúa

R. PAGANINO.

D. MANUEL JOSÉ QUINTANA, E A LITTERATURA  
MODERNA CASTELHANA.

(Continuado do n.º 10.)

No segundo terço do seculo XVIII começa a reacção a manifestar-se nos espiritos. O porta-estandarte nesta cruzada que se prega então em nome do gosto vilipendiado e da razão menoscabada, é um philologo, um erudito, sem preceptista, que mais se devêra supôr addicto ás usanças viciosas, já arraigadas no Parnaso castelhano. D'esta vez porem, o que nem sempre succede, a autoridade de erudição pôz-se a soldo da verdadeira poesia, e a influencia dos preceitos, seguida de perto pelos exemplos da mesma penna, aconselhou a reforma dos antigos abusos na decaída republica litteraria! Gongora, achou no severo humanista a merecida correcção do abuso imperdoavel que fisera do seu talento prodigioso e da sua veia inexaurivel. E o proprio Lope da Vega, apezar da corôa gloriosa que lhe decernira o applauso dos seus contemporaneos, não escapou, como fautor do estilo gongorico, ao juizo mais desabrido do que imparcial do moderno preceptista.

A poetica de Luzan foi a declaração de guerra, o cartel enviado em devida forma aos paladinos do culteranismo. Seita já decrepita na sua mesma juventude, encanecida e gasta nos continuos desregramentos e orgias de imaginação, poucas forças lhe sobravam para lutar e o desbarate final impedia-lhe já como um destino inevitavel. Muitos poetas accudiram ao chamamento de Luzan e se bem que pouco vigorosos e inspirados para vulgarisar com o selo de sua autoridade as innovações litterarias que seguiam, encheram ao menos, tenteando a lucta, o espaço que medeou até o apparecimento de Nicolau de Moratin,

Amestrado pelos exemplos da poesia franceza, aprendendo na leitura dos bons poetas extranhos, e dos castelhanos de boa lei, a evitar os parciais e escolhos em que roça desnorçada a fantasia, quando desvaia na sua abundancia e na sua desregrada inspiração, Moratin, soube eorrigir pela singellessa e correção franceza os instinctos demasiado livres da musa castelhana, sem lhe tirar as feições proprias e nacionaes, e sem fazer da sua lyra um gallicismo permanente. Moratin é o primeiro poeta da restauração classica. Exercendo-se em todos os generos, desde a petulancia do epigramma até á magestade da epopéa, seria Moratin o restaurador das letras castelhanas, se depois da corrupção fosse dado a alguém, que não seja um engenho superior e privilegiado, restaurar o gosto, e fazer aceitar, por uma especie de despotismo intellectual, a nova legislação na republica das letras.

A restauração do gosto na poesia e na litteratura castelhana, não se effectuou sem grandes reacções e sem temerosos recontros entre a audacia dos innovadores e a pertinaz superstição dos que ainda seguiam a quasi proscripção religião dos conceptistas e dos gongoricos.

Na turba dos que procuravam levantar a poesia decadente e retemperar-lhe o vigor na judiciosa imitação das musas francesas, figurava ao lado de Moratin, o coronel Cadalso, que sem ter os dotes de imaginação sufficientes para o fazerem lembrado n'uma época florescente da litteratura, eram bastantes a assignar-lhe um lugar honroso, á mingoa de mais inspirados cultores da poesia nacional. No seu éstro e na sua escola e maneira de poetar se exemplificou a revolução que nos espiritos gradualmente se operava. Os seus primeiros cantos revelam que o poeta se não podera emancipar das convenções litterarias e dos vicios radicados que affeavam a poesia quando Cadalso desferira pela primeira vez a lyra. Gongora é o seu modelo e a sua lei nas primeiras inspirações de Cadalso. Ao diante, quando o estudo das letras estrangeiras o havia approximado á razão e ao bom senso sem o distanciar da verdadeira poesia, o sabor da imitação franceza repellio das obras de Cadalso toda a tentação de conceitos violentados e todo o vestigio de gongorismo. *Los eruditos a la violeta*, pelo assumpto e pela forma, pela satyra picante e cortesã que resplandece n'aquella composição, pelo sal mais francez do que hespanhol que está condimentando aquellas paginas, são uma das primeiras cartas de naturalisação que o engenho hespanhol, concede á superioridade da forma litteraria d'alem dos Pyreneos. N'aquella voluminho satyrisou Cadalso a facil erudição dos peraltas e cortesãos, para quem em poucas paginas resumio satyricamente toda a sciencia e toda a erudição das letras antigas e modernas, e parodia admiravelmente em dimensões microscopicas a Encyclopedia collossal que por aquelles tempos se empreheu e completou.

Nas poesias lyricas, principalmente nas anacreonticas, em que mais se distinguio, soube alliar a graça e o domaire peninsular á mesurada simplicidade e á desaffecteda elegancia das musas francezas. O que a dictadura intellectual da França tinha já invadido e conquistado nos espiritos hespanhoes, revella-o em Cadalso a imitação franceza desde as *Cartas manuecas*, evidentemente moldadas pelas *Lettres persannes* de Montesquieu, até á sua composição dramatica *Sancho Garcia*, onde levou o escrupulo da imitação até ao ponto de ensaiar na metrificacão castelhana os mal soantes versos emparelhados, recurso extremo de uma lingua, como a franceza rebelde ás indicações prosodicas e musicas.

Entre os escriptores fanaticos que se esforçavam por conservar intacta a herança litteraria de Gongora, e autoridade do seu exemplo, se distinguio D. Vicente Garcia de Huerta, que soube viciar o seu profundo talento e prostitui-lo na imitação dos peores modelos da sua escola favorita. Intolerante e suspicaz para tudo o que nas letras podesse ter sabor e colorido estrangeiro, apresentava-se como o ultimo e vigoroso propugnador da escola genuinamente castelhana e repellia ainda mesmo as transacções honrosas em que a mais original e a mais castiça litteratura tem por vezes de ceder ao influxo das idéas novas, ás modernas exigencias do espirito humano, aos sentimentos novamente vulgarisados entre um povo. É absurdo o pertender que a individualidade de uma litteratura esteja subordinada á invariabilidade das suas formas, á constancia da sua maneira. Pertender que a litteratura castelhana do tempo de Carlos V, domine sem mistura tres seculos depois; tomar como unica expressão do bello as manifestações poeticas d'aquelle tempo, condemnar por estrangeiro e effeminado, tudo o que não seguir escrupulosamente os modelos de Herrera e de Garcilaso, seria tão desasistado na provincia das letras, como reclamar o *fuero jusgo* e a *lei das partidas* para serem a expressão social exclusiva do seculo illustrado e impaciente em que vivemos.

A Huerta faltava-lhe o bom gosto, esta facultade rara e preciosa que é como o legislador e o guia do talento. Faltára a Gongora e aos contemporaneos seguidores da sua escola, mas no patriarcha da seita culteranista muitas vezes a opulencia da imaginação saíra pura e triumphante contra as tentações da extravagancia. Todas as escolas litterarias que florescem um periodo vigorosas e riantes hão de ter seus dias de abatimento e decadencia. Desde mais celebrados e mais correctos modelos da poesia se despenha o genio por transições rapidas até descair na mais lastimosa corrupção. De Homero a Stacio, da Ili-

da até á historia metrificada da guerra de Thebas, a tuba epica vae pouco a pouco dezafricanando o tom e perdendo na trivialidade os accentos heroicos dos seus primeiros tempos. De Torcato Tasso e de Camões até vir parar á *Jerusalem conquistada*, em que Lopo da Vega desluzio e murchou de alguma fórma as palmas alcançadas no theatro, desde esta epopéa hoje quasi deslebrada até á insulsa *Carolea* de Samper, e á *Austriada* de Juan Rufo, o genio epico moderno desce a passos apressados até chegar no seculo presente á negação da epopéa.

Se a litteratura classica, e mais era a mais pura expressão do bello, que a homens foi dado até agora reproduzir, veio, por successivas e cada vez mais descóradas imitações, a cair na corrupção e na vulgaridade, o que não será das litteraturas, que ainda nas mais floridas edades, apesar da apparencia de originaes, são já copias ainda que desfiguradas, de modelos mais antigos? Decafo, e chegou ás derradeiras humilhações a escola castelhana elegante do seculo XVI. E o que não aconteceria com a maneira de estylo de Gongora, que por desnatural e violenta, tinha nas proprias condições da sua artificial belleza, o veneno latente que a devia prostrar e se era ainda possível corromper?

Ha na litteratura, como na politica, arrojos que a fortuna uma vez coróa, para ter o direito de cem vezes os punir. Ha grandes attentados, a que o genio só se atreve, e a quem o bom succedimento tira a qualidade de criminosos para decernir-lhes as palmas da historia. Catilina saindo de Roma, apavorado na sua consciencia pela voz tremenda do consul orador, ficou para sempre como exemplo e labéo dos inimigos da sua patria. Cesar se não passasse o Rubicon e fosse destroçado nos campos da sua provincia consular, por ventura achára no seu proprio infortunio a sentença que o entregaria á historia como um dos mais audaciosos sceierados. Na poesia é tambem como nos factos politicos do mundo. A intemperança da imaginação que a uns soffoca e amesquinha, a outros engrandece e glorifica. Perdoe-se, e até se exalça no talento o que se affeá e exaggera na mediocridade. Uma imaginação que transborda para produzir as extravagancias da poesia deve ser como um rio que transcende o leito caudal e tempestuoso. Se é copiosa e grande, a propria desordem é grandeza, e a mesma anarchia, magestade. Gongora é no auge das suas excentricidades, ás vezes sublime como as torrentes do novo mundo. Os seus imitadores, são como os riachos humildes e ignorados, que no inverno erguendo o nivel pelas cheias, só conseguem pôr de manifesto, na sua abundancia passageira, a ordinaria pobreza das suas aguas e a humildade habitual da sua corrente.

Poesia artificial e violentada, só a podia avientar o genio do seu engenhoso fundador. Fabrica desprovida de alicerces, desfez-se em escombros, mal lhe faltou o esteio que a sopesava. É o destino de todas as escolas poeticas, onde a palavra é tudo e a idéa nada, onde o colorido variegado e luxuriante offusca no esplendor das tintas a frouxidão do claro-escuro e a rudeza do dezenho. É o que ha de succeder á escola alcunhada romantica, aonde as proprias excentricidades e soltura de fórma, já hoje por vulgarisada e trivial, perdeu todo o sabor de originalidade e vai caminhando a olhos vistos para a sua derradeira corrupção.

Foi nos ultimos trances do genero gongorista que Huerta se empenhou em sustar a torrente innovadora que asoberbava já todos os espiritos. A guerra litteraria que provocou e em que se mostrou infeliz, mas extremo justador, appellidou todos os engenhos que então cultivavam as letras em Hespanha. Contra Vicente Huerta militavam os mais festivos e privilegiados engenhos hespanhoes. Como succede n'estas batalhas ardentes de palavras feridas rijamente, na sempre anarchica e irrequieta republica das letras, os odios encendidos, as malquerenças envenenadas, as invejas rasteiras e covardes, maculáram a todos os partidos e deslustraram a uns e outros contendores. As satyras responderam ás satyras, os libellos aos libellos, os epigrammas aos epigrammas, e de todos os lados o rebato dado em nome do purismo castelhana contra os estrangeirados e hereses do Parnazo nacional, aguçou os espiritos, acerou a maledicencia, e levantou um universal obstaculo entre a discordia e a reconciliação.

Huerta apesar da sua inabalavel fidelidade ás tradições da escola que defendia, teve tanto engenho e tão felizes disposições, que ainda mesmo viciadas pela intemperança da phantasia, lhe sobraram forças para accrescentar a sua tragedia de *Raquel* ao catalogo das produções illustres do theatro castelhana. E apesar da intolerancia que testemunhá nos seus pleitos litterarios, Huerta teve ainda assaz docilidade que, traduzindo ao cabo da sua carreira litteraria, a inimitavel *Zayra* de Voltaire, deixou provado que ainda os mais zelosos e ardentes antagonistas de uma idéa nova mais possante e mais luminosa que as antigas, não escapam á sua influencia e se não esquivam impunemente á sua irresistivel dictadura.

Continúa.

J. M. LATINO COELHO.

## OS COSTAS DE AMSTERDAM

Tendo Nunes da Costa com grandissima destreza e prudencia negociado no decurso de alguns annos um tratado de paz entre Portugal e Hollanda, expediu elrei de

Portugal por embaixador aos Estado o conde de Miranda. Este ministro, que tendo grandes talentos ignorava comtudo a lingua do paiz e conhecia a capacidade do Costa, descansava n'elle em todos os assumptos. Não tendo effecto o tratado naquelle tempo, o conde de Miranda retirou-se a Lisboa, e ficou o Costa dando calor ás negociações e adiantou-se de maneira que mandando a nossa corte novo ministro, D. Francisco de Mello, este concluiu o tratado de paz em 31 de julho de 1669 com circumstancias vantajosas ás nossas pertençações.

Ninguem melhor do que D. Francisco de Mello conheceu o merecimento de Jeronimo Nunes da Costa, confessando que a elle somente se devia o trabalho e o zelo com que se facilitou a referida paz, e d'esse agradecimento deu muitas provas visiveis a este honradissimo agente, alem das informações particulares que em attenção a seus relevantes serviços mandou á corte. E de facto foi Costa verdadeiramente benemerito, não só pelo trabalho pessoal, como tambem pela despeza de cabedades proprias no tratamento com que muitas vezes recebeu e regalou os amigos, os affeioados, e os dependentes da coróa de Portugal, cousa a que nunca se poupou.

Não havia forasteiro algum que chegasse a Amsterdam, de qualquer grau ou condição que fosse, que passasse sem a curiosidade de ver a casa de Nunes Costa, admirando-a como uma das mais principaes da cidade, não havendo cortezia ou attenção que não praticasse com todos. Jamais algum representante publico, cavalheiro, ou principe, lhe deu noticia de sua chegada ou lhe fez a honra de visita-lo que não fosse nobremente recebido; tanto que com a sua urbanidade, primor, e modos generosos ganhou tão universal estimação que foram poucos os principes que lhe não testemunharam com especiaes demonstrações a sua protecção e benevolencia. Em sua casa se alojaram a duqueza do Hannover, o embaixador Colber, e outros personagens.

Casou Jeronimo Nunes da Costa com Maria Dias, netta de Francisco Dias Jorge, irmão da mãe do dito Costa, casa das mais auctorisodas em Alemanha entre os judeus, tendo recebido cartas e patentes de nobreza do imperador Mathias tão lisonjeiras que fazem admiração, principalmente as que respeitavam aos dous irmãos Manuel e Francisco Dias Jorge. Aquella senhora usava com as Damas que iam a sua casa os mesmos actos de cortezia e lhaneza que seu marido praticava com os cavalheiros. D'este matrimonio houve quatro filhos, Duarte, Alexandre, Francisco e Alvaro, os quaes vivendo em boa harmonia seguiram a pontualidade, cortezia e todas as outras nobilissimas acções dos referidos seus paes: O Alexandre que no emprego de agente substituiu o paé foi verdadeiro imitador seu na grandeza de animo, e generosidade das acções, sobretudo no zelo e affecto a respeito da corte de Portugal e de tudo quanto lhe pertencia.

Por morte d'este, que geralmente foi sentida, e pela dos outros dous irmãos, succedeu no mesmo emprego Alvaro Nunes, e quando falleceu em 8 de setembro de 1738 parece que se extinguiu n'essa familia o antiquissimo e honroso cargo de agente de Portugal, e comtudo os herdeiros, pessoas que tambem foram muito estimadas, segundo o testemunho do cavalheiro Xavier de Oliveira em suas *Memorias*, conservavam sobre a principal porta de sua casa as armas reaes portuguezas. M.

## O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DE JESUS.

A fundação d'esta casa religiosa sobe ao seculo XVI. Em 1583 principiou a obra com licença do Senado, e provisão do arcebispo D. Jorge de Almeida.

O edificio levantou-se no sitio, chamado — Valle da Esperança — aonde Luiz Rodrigues de Pedroza e sua mulher possuíam uma ermida e um cardal, que doaram aos religiosos.

Depois estes, comprando diversas propriedades e terras contiguas, e applicando com acerto as suas economias, foram-se alargando com as construcções, estenderam a cerca, e romperam a rua nova de Jesus, desde o largo da igreja até á Calçada do Combro.

Em quanto se executavam as primeiras obras, os frades menores, ardendo em ciúme, e roídos de inveja, multiplicaram enredos e embustes para as embarçar; e só ao cabo de desesete annos é que os effectos d'esta guerra porfiada amorteceram, deixando livres e desassombrados os fundadores.

O terramoto de 1755 não poupou o convento de Jesus. Veiu ao chão a maior parte d'elle; e os padres, como muitos outros, tiveram á pressa de armar barracas no meio das ruínas para se recolherem.

Só passados alguns annos é que o provincial Santa Rosa Teixeira se vio em circumstancias de metter mãos á empreza, e de principiar a reedificação. O seu zelo superou as difficuldades, e soube descobrir os meios necessarios para satisfazer ás despezas. São do seu tempo a abobeda, que cobre o templo, e os adornos, que o revestem; foi elle quem reparou os dormitorios, e erigiu desde os alicerces o cunhal da frontaria, e da escada principal.

O erudito fr. Manoel do Cenaculo, depois bispo, sendo eleito em 1768 levantou o frontespicio actual, e rematou durante o seu triennio muitas obras, que estavam por concluir.

A espaçosa e magnifica salla da livraria, deve-se tam-

bem aos seus cuidados, e as pinturas, que lhe enfeitam o tecto, são attribuidas ao pincel de Cyrillo Machado.

O douto padre Sarmiento, traductor da Biblia, confessor d'elrei D. Pedro III, o padre Mayne, concorreram da sua parte com valiosos subsidios, tanto para o aperfeiçoamento do corpo da igreja, como para a grandesa e solidez, como que se acabaram diferentes officinas.

O padre Mayne, mesmo não contente com o que havia feito, esmerou-se em enriquecer tambem scientificamente o convento principal da sua ordem, instituindo um museu de historia natural, dotando a cadeira de Zoologia, leccionada hoje na Academia das Sciencias, e ajuntando a estes custosos beneficios a formação de uma galleria de pinturas, e de um gabinete de medalhas.

O risco da fachada e adro do convento de Nossa Senhora de Jesus foi dado pelo architecto Joaquim de Oliveira, e, como a estampa o mostra, une a magestade á elegancia, moldando-se pelo estylo moderno.

A decoração é de pilastras da ordem jonica sobre outras da ordem dorica, separando-se a empena, ou frontão, do triangulo geralmente usado.

Nesta casa, aonde floreceram em sanctidade e letras tantos varões respeitaveis, e que ornou a igreja portugueza de tantos prelados virtuosos e exemplares, desde Fr. Caetano Brandão até Fr. Manoel do Cenaculo, nesta casa, aonde as sciencias e as artes encontraram sempre o favor e estima, acha-se hoje a Academia Real das Sciencias de Lisboa, a corporação de certo mais adequada para herdar com proveito publico as preciosas colleções que abonam o gosto e a devoção litteraria dos frades, que foi moda representar como inimigos dos progressos humanos, e fautores apostados da ignorancia e das trevas.

A historia, quando vier a sua hora, hade ser mais justa do que as paixões politicas, e as vozes de odio.

L. A. REBELLO DA SILVA.

### CHRONICA SEMANAL.

Deve-se aqui mencionar um facto, que importa, não ficar despercebido. As attentões da nova litteratura vams-se particularmente applicando ao theatro. A par das reputações feitas, apparecem vocações recentes, e mais de uma bem estreada; resta saber quantas resistirão ás provas e se este movimento será duradouro. Ha contra isso muitas causas, sendo uma das principaes a moda, que attrai de preferencia para as criações exclusivamente francezas. Distingue-se entre estas vocações o author da *Ultima Carta*, comedia representada no Gymnasio e acolhida com bastante applauso pelo publico. É d'ella que nos vamos occupar em primeiro lugar.

Retractor a sociedade é o fim principal da comedia moderna, foi o que o sr. Lacerda tentou fazer na *Ultima Carta*. Parece-nos porem, que desceu a uma esphera plebea e repugnante demais, para poder reproduzir-a semelhante, e buscando eleva-la torna-se falsa entre nós. Sabemos onde o author foi buscar a idéa capital da obra, e donde copiou alguns traços geracs, dando-lhe um relevo que não tinham, nem rastejavam sequer. Existiram em Lisboa umas *soirées* n'aquelle genero, fôcos de jogo e devassidão, onde se protegia esta em proveito d'aquelle. Mas acabaram e ninguem as continuou, donde resulta não se poderem considerar como um quadro social da actualidade. Preferiamos que o sr. Lacerda, aproveitasse as suas faculdades dramaticas em melhores assumptos e estylo certo que havia de achar effeitos iguaes ou superiores. Não faltam ridiculos e miserias de que tirar partido, sem baixar á depravação. Ha um rifão nosso, appropriado para este caso: —nem todas as verdades se dizem.—No mais a comedia está conduzida com habilidade e promove o interesse. Tem situações bem calculadas, scenas muito felizes e alguns lances patheticos. Os caracteres no geral estão desenhados com esmero e cuidado, mas falta-lhe ainda aquella igualdade de contornos, que só com o tempo e muito estudo se consegue executar. Ha comtudo uma qualidade n'este escriptor, que próva o seu tacto dramatico e as tendencias pronunciadas que tem para o theatro; é a arte que tem para fazer ouvir attentamente do publico um dialogo extenso, despertando-lhe sempre a curiosidade sem o cançar nunca. Os defeitos porem d'esta producção são compensados por bellezas que os fazem esquecer. Estamos convencidos que o sr. Lacerda continuando a cultivar com applicação esta carreira, tem ali um futuro d'averas lisongeiro. Essas desigualdades de estylo que se lhe notam mais modificadas nesta ultima tentativa do que nas anteriores, mas ainda sensiveis, é de esperar que desapareçam progressivamente.

No desempenho as honras cabem na nossa opinião á sr.<sup>a</sup> Emilia Candida e ao auctor da peça. É a nosso ver o melhor papel que o sr. Lacerda tem executado; disse-o naturalmente e sentiu por vezes; mas nunca fará como actor, metade do que pode vir a fazer como escriptor. Somos sinceros neste voto, e estamos que havemos de acertar.

No theatro francez representou-se um vaudeville em tres actos *L'Etourneau*, que não tem outro merito senão o de fazer rir muito, em presença das multiplicadas e eternas contrariedades que perseguem o protagonista. O enredo consiste unicamente n'uma troca de cartas, mas troca altamente comprometedora porque é nada mais, nem menos, do que a bagatella de ir dirigida ao marido, a carta em que está escripta uma declaração incendiaria

á mulher. Eis portanto o nosso estouvado conquistador a correr atraz de missiva amorosa, que quer interceptar no correio, o que nunca alcança, acontecendo-lhe em compensação toda a casta de fatalidades, que dão lugar a algumas scenas e situações muito comicas. Um desmaio de mademoiselle Cecile, privou-nos de assistirmos ao desenlace, mas sabemos que no fim de tudo a carta estava no bolso do proprio sujeito onde ficou por esquecimento. Mr. Minne, no trabalhoso e difficil papel do *L'Etourneau*, pois a comedia toda encerra-se naquella personagem, mostrou a mesma intelligencia de que sempre tem dado provas, e conquistou novos e merecidos applausos.



D. Manuel Monti.

A *Niaise de Saint-Flour*, que subiu á scena na mesma noite, é um engraçado e interessante *vaudeville*, que teve um exito brilhante, devido exclusivamente a Mlle. Roqueville, que soube realçar o papel da protagonista, dando-lhe o relevo que o seu bello talento imprime sempre ao caracter que desempenha.

A companhia franceza, que a principio viveu na mais suave bemaventurança, está hoje bem longe da primitiva paz, e de merecer a attenção que a principio despertou a curiosidade. A guerra intestina declarou-se; o descontentamento lavra entre os artistas. A companhia, pequena em começo, menor se vae tornando á medida que alguns regressam a seus lares por terminarem seus contractos, ou que, a pretexto de economia, ella se vae reduzindo *aux comedians ordinaires de Pithiviers*.

Um falso calculo dirige a administração. Á medida que dispensa um actor, torna outro muito mais necessario, e este faz-se pagar como uma raridade no seu genero: o pessoal diminue, e os ordenados crescem. Ao contrario da companhia Carcassoni, que se multiplicava por si mesmo, esta, multiplica os vencimentos em prejuizo dos espectaculos. As intrigas de bastidor, a omnipotencia da direcção deslocam os actores de seus legitimos papeis para os fazer substituir por outros inferiores; a utilidade que elles prestam em seu concurso, converte-se em inutilidade para o desempenho; e enfraquecida, a companhia, por tantas causas diversas, só pode representar producções mesquinhas onde não ha que admirar a composição, e menos ainda a execução. Se a estas circunstancias juntarmos ainda que a *mise-en-scène* é cada vez mais descuidada, e que corre quasi á revelia abandonada a mãos menos experientes, resta a convicção de que a existencia da companhia franceza no theatro de D. Maria II, além de inconveniente, é hoje insustentavel por qualquer pretexto, e apenas um capricho carissimo que não satisfaz a ninguem.

Amanhã terminam as escripturas de mais alguns actores, e nova redução soffre ainda o seu numero. Lisboa verá, como S. Petersburgo, segundo o affirma Trombolini nas *Folies dramatiques*, representar Ricardo III e os Mosqueteiros com quatro personagens. Ingenhuos, centros, vegetes, comicos, tudo será suprimido segundo as circunstancias. Se a cifra da despeza augmentar, passar-se-ha ainda sem algum dos restantes, alterar-se-ha tudo menos o avultado ordenado do director. Dentro em pouco a companhia dispenderá unicamente tres mil francos por mez dos quaes o director perceberá a metade.

Esta partilha do leão, que a diferentes titulos absorve um ordenado equivalente ao de seis ou sete artistas, e que faz subtrair no dos outros para que a verba total

não affronte, e não termine esta lucrativa *sine-cura*, vae-nos deixando uma companhia insignificante em numero e qualidade, e o desempenho das peças entregue a Mad. Luguet, que não tarda em ver-se sem competidora, e a Mad. Bardoux e Hyacinthe, que já fazem as delicias do palco. A nenhum d'elles se póde exigir mais do que elles podem dar; mas tinhamos direito a esperar que uma companhia funcionando no nosso primeiro theatro apresentasse alguma cousa melhor. Mad. Fontenelle, que nunca nos pareceu eminente na sua arte, era comtudo imensamente superior á que a substitue, e o publico perde consideravelmente com a sua despedida. Mr. Minne, o actor mais estimado do publico, está hoje fóra da graça do director e é substituido por Mr. Fonvent, para quem nunca nenhum auctor se lembrou de escrever la *Niaise* e *Piccolet*. Pelo roubo que lhe fazem de seus papeis, e falta de cumprimento de promessas, Minne quer retirar-se para o theatro de Marselha onde tem escriptura. Mlle. Roqueville, que não tem sido mais favoravelmente tractada, accitou a escriptura que lhe propoz o empresario de Lille. D'esta sorte se despedem os dous actores mais estimados, aquelles que tinham o favor do publico, os que eram dotados de verdadeiro talento, os que podiam ser um nucleo para a nova companhia. Uma vez porém que elles recusam o ficar, ao menos com o mesmo director, por que motivo se renovam contractos com os que foram sentenciados desde o primeiro dia como verdadeiras inutilidades, ou *utilidades*, como os designava na sua lingua?

Se a administração do theatro quizesse obrar com sensatez e attender ás conveniencias do publico, melhor andaria escripturando uma companhia inteiramente nova, e poupando o que hoje dispende em puro prejuizo, para o dar depois ao que o merito legitimamente reclama. Ha economias que se não comportam com a dignidade de uma nação, nem com a excellencia de um primeiro theatro, e menos ainda com as exigencias do publico. Lisboa, o theatro de D. Maria, e os lisboenses carecem de mais alguma cousa do que se permittia Mr. Grossmann, cujo gosto não era extremadamente apurado, a fortuna não passava de 32:000 francos, e só tinha a satisfazer a modesta povoação de Pithiviers.

ERNESTO BIESTER.

### REVISTA POLITICA.

A 25 de fevereiro ultimo as conferencias diplomaticas, ou congresso como já o intitulam, reuniram-se em Paris para tratar as negociações da paz, que muitos anhelam, e que alguns publicistas ainda reputam duvidosa.

O que se tem dito sobre a ordem das cadeiras dos diplomaticos assentados a uma meza, é para nós e deve ser para todos os que conhecem o século em que vivemos, uma questão insignificante; fosse a ordem alphabetica pelas letras iniciaes das potencias que entram nas deliberações; fosse a ordem chronologica da apresentação dos plenipotenciarios em Paris; são etiquetas que a praxe, a cathogoria dos individuos ou a convenção regulam.

Os negociadores na primeira reunião contraíram a obrigação do sigillo a respeito do que se ventilar e decidir nas conferencias. Se assim é, como se publicou, aventurasas são todas as indicações dos jornaes acerca do que alli se passa. Ninguem atraçoará o compromisso reciproco, nem os segredos do seu gabinete.

Como é, pois, que alguns jornaes belgas até se anteciparam ao discurso do imperador dos francezes na abertura das camaras, affirmando que neste documento se consignaria o que elles conceberam na sua mente? O facto desmentiu os advinhões. O imperador falla á nação com decoro e lealdade; não deixa de patentear sentimentos pacificos; mas, inculca os meios que tem para proseguir na guerra, se fór necessario, e conta com os seus alliados.

O primeiro acto publico das conferencias foi o accordo n'um armisticio entre as tropas belligerantes até 31 de março corrente. Daqui podemos inferir que o congresso não intenta protrair as suas deliberações.

Comtudo, o armisticio para as operações das forças militares por terra não impede a continuação do bloqueio, porque vemos sair forças navaes inglezas destinadas a fechar os portos do Baltico; e a esquadra ás ordens de mr. Watson é a primeira nas evoluções desta ordem.

A noticia da suspensão das hostilidades só foi recebida officialmente na Criméa, que é o campo de batalha das forças terrestres, no dia 28 de fevereiro; no immediato accordou-se entre os chefes a observancia do armisticio. Da Asia esperamos informações; o inverno terá lá sido o verdadeiro armisticio.

M.

### AVISO.

Roga-se nos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.